

Foco da telefonia deixa de ser a expansão

RENATO CRUZ

Especial para o Estado

Nos últimos anos, o crescimento das telecomunicações esteve descolado do comportamento da economia brasileira. A expansão da telefonia foi resultado principalmente da demanda reprimida. Agora, a telefonia fixa e a telefonia celular encontram-se em momentos diversos.

“Crescer não é tão importante para as operadoras locais. Chegou a hora de buscar mais rentabilidade”, afirma Edigimar Maximiliano, analista de telecomunicações do Unibanco.

Para as celulares, ainda existiria espaço para a expansão. “A demanda reprimida na telefonia móvel passa a ser definida pelos preços dos aparelhos”, explica o analista Raphael Biderman, também do Unibanco.

Maximiliano não enxerga qualquer crise para as concessionárias de telefonia local (Telefônica, Telemar e Brasil Telecom). “As empresas têm fundamentos excelentes.” Ele cita como exemplo o endividamento das empresas. A dívida da Telemar equivale a 1,8 vez sua projeção para o fluxo de caixa anual.

O mesmo não pode ser dito da situação da Embratel, que registrou prejuízo de R\$ 36,440

milhões no primeiro trimestre, e da Intelig. Para Biderman, as operadoras são prejudicadas pela dominação da rede de acesso, que chega à casa dos clientes pelas operadoras locais.

Entre as celulares, existe diferença de situação entre as bandas A (que faziam parte da Telebrás) e as bandas B (que nasceram para a competição). A dívida das bandas B equivale a 15 vezes o seu lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) em um ano. Já o endividamento das bandas A está em somente 2,2 vezes o Ebitda anual. “A banda B precisa ser recapitalizada”, diz Biderman.